O Banquete do Algoritmo: comer e resistir em tempos de desinformação

The Algorithm's Banquet: Eating and Resisting in Times of Disinformation

Rosana Lobato da Cunha Dias

Rosana Lobato da Cunha Dias — *jornalista formada pela PUC-Rio, mestre em Ciência da Informação pelo IBICT/UFRJ e doutoranda pelo IBICT/MCTI.*

"Eu não sou um intelectual orgânico, eu sou um intelectual da roça. Eu não quero ser o saber, eu quero ser o sabor."
Antônio Bispo dos Santos

Resumo

Este artigo analisa a alimentação como campo estratégico de disputa informacional em contextos marcados pela aceleração tecnológica, pela desinformação e pela crise ecológica. A partir do conceito de "banquete do algoritmo", investiga-se como a história da alimentação no Brasil — atravessada por colonialidade, industrialização e desigualdades — é reconfigurada por regimes algorítmicos contemporâneos, capazes de estruturar o gosto, o consumo e o poder sob a aparência de neutralidade técnica. Ancorado na Ciência da Informação e em diálogo com estudos críticos da Inteligência Artificial e epistemologias não coloniais, o artigo compreende a desinformação alimentar como fenômeno histórico e estrutural. Argumenta-se que a padronização alimentar, intensificada por monoculturas e algoritmos, empobrece fluxos cognitivos e simbólicos, contribuindo para a exaustão dos recursos do planeta. Por fim, propõe-se o ato de comer como forma de resistência informacional, política e ecológica, articulando justiça informacional, agroecologia e valorização de saberes tradicionais.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Desinformação; Alimentação; Inteligência Artificial; Justiça Informacional.

Abstract

This article analyzes food as a strategic field of informational dispute in contexts marked by technological acceleration, misinformation, and ecological crisis. Using the concept of the "algorithm's banquet," it investigates how the history of food in

Brazil — marked by coloniality, industrialization, and inequalities — is reconfigured by contemporary algorithmic regimes capable of structuring taste, consumption, and power under the guise of technical neutrality. Anchored in Information Science and in dialogue with critical studies of Artificial Intelligence and non-colonial epistemologies, the article understands food misinformation as a historical and structural phenomenon. It argues that food standardization, intensified by monocultures and algorithms, impoverishes cognitive and symbolic flows, contributing to the exhaustion of the planet's resources. Finally, the act of eating is proposed as a form of informational, political, and ecological resistance, articulating informational justice, agroecology, and the valorization of traditional knowledge.

Keywords: *Information Science*; *Disinformation*; *Food*; *Artificial Intelligence*; *Informational Justice.*

Introdução

Comer nunca foi um ato neutro. Ao longo da história, a alimentação constituiu-se como prática biológica, cultural, política e informacional. No Brasil, as narrativas sobre o que se come, como se come e por que se come foram historicamente moldadas por processos coloniais, por regimes de poder e por tecnologias que organizaram o acesso aos recursos, aos territórios e aos saberes. Na contemporaneidade, essas dinâmicas são reconfiguradas pela aceleração algorítmica e pela centralidade da Inteligência Artificial (IA) como infraestrutura cognitiva das sociedades digitais.

Este artigo propõe uma mudança de perspectiva: compreender a alimentação como campo estratégico de disputa informacional, em um planeta marcado pela exaustão de recursos naturais, pela crise climática e pela intensificação das desigualdades. O chamado "banquete do algoritmo" refere-se à forma como dados, hábitos de consumo, gostos e narrativas alimentares são capturados, processados e devolvidos sob a aparência da neutralidade técnica, reforçando padrões históricos de dominação e apagamento.

A partir de um diálogo entre Ciência da Informação, história da alimentação, estudos não coloniais, desinformação e crítica da tecnologia, o texto analisa como a desinformação alimentar atravessa diferentes momentos históricos — da colonização aos sistemas algorítmicos contemporâneos — estruturando o gosto, o consumo e o poder. Ao final, defende-se o ato de comer como forma de resistência informacional, política e ecológica.

Desinformação como regime histórico

A desinformação não é um fenômeno exclusivo da era digital, trata-se de um processo estrutural, vinculado à produção estratégica da ignorância e à assimetria de poder nos regimes de informação. No campo alimentar, a desinformação opera historicamente por meio da seleção de ingredientes legítimos, da hierarquização de saberes culinários e do silenciamento de práticas alimentares dissidentes. Bezerra (2024) observa que a desinformação aumenta seu potencial de interação, conforme seu engajamento com as plataformas, incorporando o papel de decisão daquilo que é mais lucrativo na circulação de informação.

Desde o período colonial, a imposição de modelos agrícolas europeus implicou na desvalorização dos sistemas alimentares dos povos originários e das populações africanas escravizadas. Esse processo não se deu apenas pela força material, mas pela construção de narrativas que redefiniram o que era considerado comida, civilização e progresso. A desinformação alimentar, nesse sentido, precede as tecnologias digitais e constitui um elemento central da colonialidade.

> Os valores simbólicos atribuídos aos alimentos e rituais que envolvem a alimentação, que orientam a apreciação e, portanto, influenciam diretamente o consumo de alimentos oferecem uma perspectiva de análise ampliada para o conhecimento de um dado perfil alimentar. Esses valores apresentam nuances e expressam peculiaridades de grupos e segmentos sociais

> influenciados por aspectos ideológicos, étnicos, socioeconômicos, entre outros (Diez-Garcia e Castro, 2011, p. 94).

A comida apresenta diferentes abordagens de tecnologia e poder em uma leitura histórica da alimentação no Brasil, é possível observar que o processo de se alimentar está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de tecnologias. Da domesticação da mandioca e dos sistemas agrícolas indígenas, às engenharias coloniais do açúcar, do café e, posteriormente, das monoculturas modernas, cada avanço técnico reorganizou o território, o trabalho e o acesso à comida. Um contraste de epistemes entre originário e colonial, revelando a busca por identidade e pertencimento ao território. Valle aponta caminhos:

> para compreender como esses processos se inserem em dinâmicas de longa duração, associadas à formação de padrões de comportamento e controle social... os movimentos de mulheres camponesas, agricultoras, quilombolas, indígenas, raizeiras, curandeiras, dentre outras, vêm nos ensinando outras formas de ser, fazer e realizar a vida em equilíbrio e harmonia com o meio natural e comunitário onde estão. Elas são ecologistas e economistas, a uma só vez. (Valle, 2022, p. 6)

A industrialização dos alimentos, no século XX, intensificou essa lógica ao transformar a comida em mercadoria padronizada, separada de seus contextos ecológicos e culturais. Tecnologias de conservação, transporte e processamento ampliaram o alcance dos alimentos, mas também aprofundaram a homogeneização do consumo e a dependência de cadeias globais de produção. Do campo ao algoritmo, percebe-se a aceleração digital dos modos de viver e comer. Cocco e Fortes apresentam esse conceito:

> Por aceleração algorítmica entendemos a velocidade com que as inovações tecnológicas, impulsionadas pelo avanço da inteligência artificial, big data e algoritmos estão transformando os processos sociais, políticos, biológicos e a própria infraestrutura digital contemporânea, especialmente nas metrópoles, exigindo que instituições e práticas de governança se adaptem a esse novo ritmo na produção e disseminação de informações. (Cocco e Fortes, 2025, p. 47)

No século XXI, a Inteligência Artificial (IA) emerge como nova camada tecnológica capaz de reorganizar profundamente os sistemas alimentares. Algoritmos de recomendação, plataformas digitais e sistemas de análise de dados passaram a influenciar escolhas alimentares, políticas públicas e estratégias de mercado. Como alerta Mustafa Suleyman (2023), sistemas de IA tendem a amplificar padrões existentes nos dados que processam, reproduzindo desigualdades históricas sob a aparência de eficiência e neutralidade.

Ao compreender a IA como tecnologia política, vinculada à automação do conhecimento e à extração de valor cognitivo, no campo alimentar, isso se traduz na captura massiva de dados sobre hábitos de consumo, preferências nutricionais e comportamentos alimentares, que passam a orientar decisões econômicas e institucionais. Cocco e Fortes inserem esse fenômeno no contexto do capitalismo cognitivo, no qual atenção, subjetividade e informação tornam-se centrais para a acumulação de valor:

> Conectando bilhões de objetos, a Internet se tornou um ecossistema inclusivo no qual a inteligência artificial não se faz — como se queria em sua origem — por reprodução das funções lógicas e simbólicas do pensamento, mas por inferências estatísticas a partir de oceanos de dados continuamente garimpados e modelizados pela máquina computacional planetária. (Cocco e Fortes, 2025, p. 49)

Nesse ambiente, o gosto é progressivamente moldado por sistemas algorítmicos que privilegiam o que é mais consumido, mais rentável e mais visível. Narrativas alimentares dominantes são reforçadas, enquanto saberes originários e práticas agroecológicas permanecem marginalizados nos ecossistemas digitais. Schneider aponta a captura do gosto pelo capital:

> É um regime que desmonta conquistas sociais enquanto amplia aparatos de controle, buscando garantir que o capital sempre encontre caminhos para se reproduzir — mesmo que a custa de democracia e direitos. (Schneider, 2025, p. 97)

Como é possível comer em um planeta em extinção de recursos? A crise climática e a exaustão dos recursos naturais colocam em xeque os modelos alimentares hegemônicos e apontam que sistemas baseados em monoculturas e cadeias longas de produção são ambientalmente insustentáveis e socialmente excludentes. A desinformação alimentar, ao ocultar essas conexões, contribui para a manutenção de práticas que aprofundam a degradação ecológica. Venegas, Cardoso e Santos apresentam o contexto atual:

> O movimento de homogeneização dos hábitos alimentares é fruto da industrialização, dos avanços tecnológicos e da modernização da produção agropecuária, que passaram a regular a opção preferencial à ingestão de alimentos que propiciem economia no tempo de preparo e que tenham status agregado ao seu consumo. (Venegas, Oliveira-Cardoso e Santos, 2024, p. 6)

No ambiente digital, a aceleração algorítmica tende a simplificar debates complexos, favorece soluções rápidas e individualizadas em detrimento de transformações estruturais. O consumo consciente é frequentemente apresentado como escolha pessoal, deslocando a atenção das dimensões coletivas, territoriais e políticas da alimentação.

Comer como resistência informacional

O ato de comer, bem informado, pode ser uma estratégia de resistência informacional. Cocco e Fortes (2025) mencionam a possibilidade das cidades terem inscritas em seu DNA uma memória ancestral. Essa ancestralidade seria oriunda de anos de evolução, sustentada pela contínua aquisição informacional e pela preservação da essência para sua existência. Essa resistência da essência da informação pode se manifestar nas táticas cotidianas de referência do alimento original: feiras locais, agroecologia, produção familiar, cozinhas comunitárias e a valorização de saberes tradicionais.

Antônio Bispo dos Santos (2023), pensador quilombola, reforça a inseparabilidade entre comida, território e pertencimento. Seus aportes desafiam a lógica algorítmica da homogeneização e afirmam a alimentação como relação viva entre humanos, não humanos e ambiente. Para a Ciência da Informação, essa resistência assume a forma de luta por justiça informacional: democratização dos saberes alimentares, reconhecimento das epistemologias silenciadas e questionamento dos regimes algorítmicos que estruturam o acesso à informação.

Para levar pra casa

O banquete do algoritmo não é apenas uma metáfora da abundância digital, mas um alerta sobre quem define o cardápio informacional em um mundo de recursos finitos. Ao articular desinformação, história da alimentação e Inteligência Artificial, este artigo argumenta que a disputa pelo gosto é também disputa por território, memória e futuro.

Comer, em tempos de desinformação e colapso ecológico, torna-se ato político. Resistir passa por reconfigurar os regimes de informação que moldam as escolhas alimentares, incorporando diversidade, historicidade e justiça. Nesse sentido, a alimentação emerge não apenas como necessidade vital, mas como linguagem, tecnologia e possibilidade de transformação social.

Referências

BEZERRA, Arthur Coelho. *Miséria da Informação: dilemas éticos da era digital*. Rio de Janeiro: Garamond, 2024.

COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. Aceleração Algorítmica, Crise da Soberania e Noopolítica: a Batalha pelo Controle das Redes. *Revista Lugar Comum*, v. 72, Rio de Janeiro, 2025.

DIEZ-GARCIA, Rosa Wanda; CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de. A culinária como objeto de estudo e de intervenção no campo da Alimentação e Nutrição. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, p. 91-98, 2011.

DOS SANTOS, Antônio Bispo; PEREIRA, Santídio. A *terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SCHNEIDER, Marco. *Fascismo Zumbi: Desinformações, mídias sociais, inteligência artificial e outras histórias de terror do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2025.

SULEYMAN, Mustafa; BHASKAR, Michael. *The coming wave: technology, power, and the twenty-first century's greatest dilemma*. New York: Crown, 2023.

VALLE, L. P. "Somos o que comemos!": uma reflexão da política de cuidado ecofeminista plasmada na prática da agroecologia. *Liinc em Revista*, v. 18, n. 1, 2022.

VENEGAS, Maria Elisa do Carmo; OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes de; SANTOS, Manoel Antônio dos. Insegurança alimentar, saúde e produção da vida: uma aproximação às práticas alimentares de mulheres de camadas populares à luz da antropologia da alimentação. *Saúde e Sociedade*, v. 33, p. e220547pt, 2024.